

Real, simbólico e imaginário

A trindade infernal de Jacques Lacan

Marcus André Vieira

I

R. S. I. - o que é isso?♦

♦ Primeiro encontro do Seminário de Marcus André Vieira – A trilogia lacaniana. Realizado na EBP Seção Rio em 20/08/2009 Transcrição, Leandro Reis, edição e pesquisa inicial de referências Maira Dominato Rossi.

Origens

Para começar este percurso com a “trindade infernal”¹ de Lacan, como ele se referiu certa vez à sua tripartição real-simbólico-imaginário, pensei em uma sequência de perguntas do incauto ideal.

Inicialmente, ele é afetado a partir de uma posição de exterioridade com relação ao sintoma: você pode me livrar de meu sintoma? De quê sofro?

Mas ele pode passar a se perguntar sobre a parte que lhe cabe em seu sofrimento: Por que sofro assim? Em que meu jeito de ser ajuda ou atrapalha no que me aflige?

Finalmente, ele passa a ter a si mesmo como objeto: O que é este meu jeito? Posso ser outro?

Como se vê, a experiência analítica tende a se desenrolar como uma busca das origens. E essa tendência é não só aceita como buscada pelo analista. Em uma análise - ainda que seja óbvio, vale a pena dizê-lo - assume-se que o sintoma diz algo da natureza do sujeito em questão. É por isso, mais do que por qualquer outra razão, que a pesquisa em direção à origem do sintoma tende a levar à busca da origem de si. Uma análise não começa sem isso, as entrevistas podem, inclusive, durar muito tempo antes que passe de uma busca à outra.

Essa virada imprescindível, do sintoma como signo de doença ao sintoma como sinal de uma suposta essência, foi levada, às vezes, ao exagero, chegando a um descaso com o sintoma-sofrimento. A psicanálise, nesse sentido perigoso, apresentava-se como uma experiência de autoconhecimento desvinculada do sintoma, sem compromisso com qualquer melhora. Até mesmo uma relativa piora podia ser suportada por um tempo, tomada como uma dificuldade, um desvio no caminho para a verdade. O “não-estou-nem-aí-para-seu-sofrimento” é, porém, demais e possibilitou caricaturas do tipo: “não mudei nada, mas agora assumo”.

Mas, de fato, ao mirar outra coisa que não apenas o sintoma patente, encontra-se muito mais do que apenas uma doença. Mais importante, o contexto muda inteiramente. A origem recua, podendo retroceder indefinidamente sem que se saiba onde parar: quando tudo começou? No entanto, como a situação analítica é feita apenas de narrativas, chegamos necessariamente aos confins do dizível. Nessa área-limite, flertamos com um impossível, já que, para que algo articulado sobre mim pudesse ser subjetivado, assumido por mim, foi preciso que algum gozo original se perdesse, algum indizível se perdesse na passagem para o dito.

Retrocedemos até o ponto em que o Eu, nascente, se apreende em uma quase desapareição. Mas ainda há alguém, alguma presença que assinala o indefinível ponto em que ainda não sou eu que vive a história, mas que ali está de alguma forma, quase como quem assiste, ou sofre, as marcas dos tratos do Outro. Elas serão, posteriormente, assumidas, vividas no carinho, na violência, mas em um segundo tempo, quando deixamos de ser essa criança, alguém que inteiramente vive o que quer que seja, mas que não tem como subjetivá-lo.

Como lidar com essa criança perdida em nós que insiste em trazer histórias de antes de nossa história? Freud oscila: tanto fala de cenas traumáticas, vividas ou fantasiadas pela criança que fomos, quanto de traumas ancestrais, que parecem dar corpo a vivências de outra era, de uma pré-história subjetiva.

O importante é marcar que este real na psicanálise não é o inefável silêncio, ele não para de falar sem, no entanto, dizer a última palavra, sem nunca dizer-se integralmente. Essa coisa primeira, não é apenas perdida, pois ela está ali e fala, mas ela fala a língua do desamparo, de algo perdido do qual nos dão notícia as fantasias primordiais ou as cenas primárias.

Pois bem, segundo Lacan, elas não poderão ser apreendidas por um dualismo qualquer que seja. Oposições entre corpo e alma, razão e emoção, por exemplo, ou mesmo significante e pulsão, nos dão o sentimento de que chegamos mais perto, mas não bastam. Como tomar a criança arcaica como uma pulsão fora da linguagem sem decretar que a psicanálise, experiência de fala, não poderá atingi-la sem tornar-se a revelação de uma transcendência silenciosa? Assumir a castração, como dizemos, como um além do dizível sobre o qual só podemos calar, só serve para fazer a psicanálise depor armas diante do inefável e flertar com o místico.

Nossa singularidade não é apenas desamparada, não é apenas um que sofre os martírios impostos por um outro, ela não é nem mesmo a expressão de uma luta entre ele e nós, ou entre corpo e alma, ou entre o macaco e o homem. Ela se apresenta a nós como estilhaçada em vários fragmentos ao mesmo tempo, nunca em um só, nos quais “eu” é apenas um deles.

Por isso a psicanálise é múltipla. Quando chega perto dos confins encontra não uma, mas várias crianças, e não apenas elas, mas a mãe, o pai e muitos outros. Dessa falta primeira, este grau zero do ser, de que Freud faz a mãe, mas também um pai primevo, orangotango, Lacan faz um objeto, o objeto α . Esse objeto, que já comparei a um frango na corrida,² não pode ser apreendido pelo Um, por uma teoria unificada que se constitua em sistema.

Essa multiplicidade é essencial, intrínseca ao dispositivo inventado por Freud. Ela não é efeito da Babel psicanalítica de mil teorias e variedade de práticas, ela é a causa. Da fragmentação interna da clínica psicanalítica brota a fragmentação de uma política cheia de tribos e instituições, de um saber pluralizado ao infinito, e de uma clínica cujos limites são sempre ainda por definir.

Esta fragmentação interna diz respeito ao próprio objeto de uma análise. É ele que se apresenta diferente a cada vez. Digamos que ele seja o que de mais singular pode ser posto em palavras. Com essa simples definição, vê-se como o paradoxo de algo indizível que passa ao dito exige que esse dito não diga tudo ou, como diz Lacan, “a verdade pode sair do poço, mas sempre a meio-corpo”.³ Depreende-se daí que não se poderá dizer a verdade da verdade, única e universal. Isso é geral e também válido para cada experiência particular de análise. Encontramos a certeza de que tocamos no essencial, ao mesmo tempo sabendo que para transmiti-lo perderemos muito. É o que faz ser tão decepcionante a demonstração, para um amigo fora do discurso analítico, das descobertas da análise.

Um, dois, três

Para transmitir o modo de lidar com essas coisas primeiras sem reduzi-las, Freud recorre a vários esquemas complexos e a fragmentações do aparato psíquico, as duas mais famosas, das primeira e segunda tópicas, são tripartites: Ics, Pcs, Cs, e eu, isso e supereu.⁴ Lacan resolveu articular isso tudo com seu R.S.I.. Ele inventou sua “trindade infernal” para impedir que encontremos na origem o Um. Nesta, estará o três.⁵

Lacan nunca explicou de onde tirou R.S.I., não fez o histórico de sua invenção. Apenas ministrou uma conferência de final de ano chamada “O simbólico, o imaginário e o real”.⁶ No ano seguinte recomeçou seu Seminário, agora não mais em seu consultório, mas em Sainte-Anne, o grande hospital psiquiátrico de Paris, já usando a tríade à vontade. No meio do ano apresentou um relatório no congresso da IPA que ficou conhecido como “Função e Campo...”,⁷ uma espécie de texto fundador do Lacanismo. Desse modo, seu ensino, como algo original, foi lançado nesse período e, de certa forma, nasceu junto com R.S.I. No entanto, esta conferência, que é o máximo que temos de introdução, não apresenta, contextualiza, não introduz, no sentido de explicitar as origens. É como se sempre houvesse existido. Ele já parte de sua tríade como de um fato.

Muito mais tarde, em 72-73, ele dedica um ano de Seminário ao tema. Neste seminário, R.S.I., encontraremos, não origens, mas definições que nunca tinham sido dadas. Definições mais topológicas, que se valem de anéis e laços, que são muito precisas e rigorosas. São elas que darão o norte do trabalho aqui.

Antes disso, porém, é preciso destacar ao menos uma razão para que R.S.I. seja deixado sem muitas explicações. A insistência de Lacan em fazer dessa forma sugere que tinha que ser assim mesmo. De fato, sempre se pode mostrar o contexto de onde surgiu uma invenção, mas, como é próprio da invenção, o contexto não a esgota. A história, para Lacan é sempre um modo de buscar Um sentido, por isso a grafa com o “y” da *hysterie* em francês, já que se alguém faz com que crie um sentido para o desejo do Outro esse alguém é a histérica.

Já a psicanálise é uma pesquisa das origens que faz com que nos percamos. O que há na origem? A resposta de Lacan com o R.S.I. seria: seja o que for, não será nunca o Um só. Não se sabe o que está na origem do problema de cada um ou na origem de cada um, mas não será uma coisa só, nem duas, será no mínimo três.

Para entender é só pensar o que é quando temos na origem o Um. Ou seja, uma coisa causou o resto. Qualquer coisa que se coloque nesse lugar, o sexual, o genital, o desejo do Outro, a genética, o contexto social, familiar... Enfim, se houver um elemento primeiro do qual tudo se engendre, encontramos Deus. Esse, aliás, é o problema do evolucionismo: se estamos indo para frente, o que nos impulsiona? Por isso, Lacan afirma no *Seminário 7* que o único modo de sair da teologia é pela criação ex-nihilo.⁸ Ou bem tudo é como é porque sim e desde sempre, ou bem as coisas evoluíram a partir de um desejo original, que só pode ser de Deus. Toda teleologia é sempre teologia.

O mesmo vale para a busca de Freud. Se o trauma, como acontecimento datado, fosse aquilo que explica tudo, e se o trauma é obra do desejo de alguém, estaremos sempre em busca do desejo original puro de antes.

Aqui existe a opção de encontrarmos o Dois. De fato, às vezes Freud parece se encaixar no Dois. Em vez de encontrarmos um desejo perverso, ou uma pureza original, encontraremos um conflito entre os dois. A linguagem da ternura e a da paixão de Ferenczi, por exemplo. O Dois mais comum é a diferença entre corpo e alma, em seus correspondentes atuais, o orgânico e o psíquico. São duas substâncias, postuladas como inteiramente distintas e no conflito entre elas tudo se engendra.

Há algo teológico quando penso que só vou encontrar Um lá trás. O dualismo tenta fugir disso, mas apesar disso, o Um insiste, pois em seu contexto a pergunta sempre cabe: Quem vem primeiro o corpo ou a alma?

Parecemos estar bem *up to date*, pois estamos em tempos de um monismo neuronal que afirma a inutilidade do debate corpo-alma. Para ele tudo tem base orgânica. A mente seria apenas uma epifenômeno do cérebro, esse sim, o real mais verdadeiro. No entanto, isso é retornar para o Um. Se essa explicação é uma, ou seja, está no lugar daquilo que tudo explica, então ela tem uma potência para além do objetivável. É isso que chamamos de Deus, que hoje em dia é o neurônio, ou melhor, o neurônio esconde a fé cega na ciência de nossos tempos profundamente obscurantistas.

Desse ponto de vista radical quase tudo é teologia. É o ponto de vista de Lacan, quando no *O Seminário, livro 22: R.S.I.* afirma que sua “trindade infernal se opõe a qualquer teologia”.⁹ Se for o corpo, temos monismo neuronal. Se for a alma, vamos para o monismo divino; mas no fundo tudo isso é Deus para Lacan. O que Lacan propõe ao analista é que ele não conduza o tratamento tendo no horizonte uma Unidade final, nem mesmo a ideia de uma unidade original, mas sim se orientar sempre contando três.

O essencial é isto, quem estiver conduzindo a experiência não precisa acreditar que há um sentido no fundo a ser encontrado. Essa aposta tende a infinitizar a experiência, posto que sempre pode se encontrar um sentido a mais. A presença fundamental na minha vida era o colo da minha mãe, mas talvez a minha mãe ao ficar no colo da minha avó tenha aprendido como fazer. Entra-se, assim, na história familiar e segue-se adiante, sendo possível continuar essa investigação até mesmo para o antes de nascer, chegando-se às vidas passadas.

O Um, do lado do analista, teologiza a experiência. E o Dois nos lança na briga entre um e outro, na briga entre Deus e o demônio e na busca de uma supremacia ou equilíbrio, trazendo à cena o ideal de uma harmonização entre os dois como a construção da Unidade perdida, tal como no mito de Aristófanes-Platão.¹⁰

Pode-se argumentar que nada garante que com três não se infinitize também. Nós lacanianos somos muito teólogos do real como vazio primordial, não é? Nosso real muitas vezes é tomado como o Um primordial, o que faria Lacan revirar-se no túmulo. O real, tomado como Nada na origem, constitui uma teologia negativa, crítica, por exemplo, feita por Alain Badiou, falando da metafísica da Presença.¹¹ É essa presença que buscamos definir no ano passado, ou seja, a presença do Outro de forma maciça, absoluta, anterior. Lacan escapa da metafísica ao fazer dessa presença um objeto.

De todo modo, temos uma tendência espontânea a esbarrar na teologia negativa. O Três de Lacan a dificulta, mas não a torna impossível. Como escapar? Para começar, teremos que levar a sério a ideia de considerar que elas são três coisas completamente diferentes entre si. Ou seja, não são três irmãos, pois estes teriam em comum o pai que seria o Um anterior. Se eles tiverem algum elemento em comum, alguma origem, posso sempre supor algum Um comum. E é por isso que foram deixados sem explicação. Esse seria o motivo porque Lacan não se dedica à história desses três. Se são três irreduzíveis a um, se não há nenhuma afinidade entre eles, nem dois a dois, então não há Uma história a fazer. Podem-se fazer oposições entre eles, mas elas serão locais, pois como premissa não há nada comum.¹²

R.S.I. é a proposta de Lacan para trabalharmos numa experiência que mexe com a confusão das origens e onde nada é muito claro, ainda que muito emocionante. Distinguem-se três coisas nessa experiência que vão organizar a experiência que não pode se reduzir a Um, nem a Dois. Segundo Lacan, se não supusermos esses três registros, o que Freud falou se perde, já que a invenção freudiana é tão revolucionária

que qualquer lida com essa experiência dual cai no corpo *versus* alma, ou numa teologia do negativo ou do positivo, como quiserem.

Isso se justifica, dizemos rápido, no fato de que o trauma não tem pé nem cabeça, como nos diz Lacan no *Seminário 11* ao falar das construções como uma “colagem surrealista”.¹³ Freud, por exemplo, pega elementos dispersos e não organiza. Em vez disso, propõe construções sem pé nem cabeça, porque não se orientam por nenhum princípio de unidade.

Não é uma arquitetura, ainda que seja essa a metáfora freudiana, mais, no dito de Lacan, uma colagem surrealista, como a cena do homem dos lobos que vê os pais transando através da barra do berço. Ela reúne várias coisas que são completamente heterogêneas entre si para aquele sujeito, e ela faz dessas coisas uma coisa só. Porém essa montagem não responde a algum princípio de unidade e, por isso, é sem pé nem cabeça. O sujeito pode se apropriar daquela coisa e usar, mas não se pode dizer que, a partir dela, ele entenda o princípio de tudo. Não! É algo acidental que, contudo, se mantém junto. Sai-se da análise com um monte de coisas espalhadas, mas tendo com elas um novo modo de fazer. Faz-se uma “limpeza” e a sobra é amarrada. “Tentem imaginar um dínamo acoplado numa tomada de gás de onde sai uma pena de pavão que vem fazer cócegas na barriga de uma bela mulher que está lá só pela beleza da cena”.¹⁴

Ferramenta transcendental

Então, proponho um oximoro para começar: a trilogia lacaniana R.S.I. é uma ferramenta transcendental. Onde está a contradição? No fato de que ferramentas não podem ser transcendentais, já que uma ferramenta serve, por definição, para um trabalho específico e local. No entanto, os três registros lacanianos são coordenadas “pré-experienciais”, visam a situar a experiência da psicanálise, a pensar as coisas. Coordenadas que estruturam e formatam a experiência mesmo não estando nela. São condicionantes e não condicionados, axiomas que só podem ser assumidos e não demonstrados. É por isso que não devemos nos perguntar de onde vem R.S.I., pois se o fizermos saímos da experiência.

Neste sentido, podem fazer lembrar os esquemas transcendentais kantianos¹⁵. No entanto, só assumem esse posto por terem sido aceitos como tais. Para que qualquer coisa possa ser dita da psicanálise com Lacan, é preciso R.S.I. Isso é parte da ideia de Lacan quando introduz esses termos, e por esta causa ele não traça a genealogia dessa trilogia.

O fato da experiência da psicanálise girar em torno de alguém que busca explicações ou origens, reforça essa ideia lacaniana de prescindir de genealogias. Para que tanto analista quanto analisante não se encontrem na mesma condição, um deve recusar a explicação. O analisante é um ser platônico que busca as coisas em si, como a luz para além de sua caverna; se o analista está com ele nessa busca, saem ambos em busca da luz e teremos dois cegos batendo cabeças.

Isso posto, Na conferência, “O Simbólico, O Imaginário e o Real”¹⁶ temos o que há de mais próximo de uma explicação sobre R.S.I. Lacan está no ponto inaugural de seu ensino e, por isso, se dispõe a explicar algumas coisas sobre as quais mais tarde calará. Ali, Didier Anzieu¹⁷ faz uma pergunta muito semelhante à que nós faríamos se pudéssemos. Ele pergunta à Lacan de onde ele teria tirado isso? E argumenta dizendo

que Freud se baseara nos modelos da física de sua época e dali tirara ideias para a psicanálise. Mas e R.S.I.? Teria sido retirado de qual conhecimento de nossa época?¹⁸

Lacan responde não acreditar que Freud tenha tirado a psicanálise de algum conhecimento da época. Ou seja, ele não só deixa de responder como ainda discorda da pergunta. No entanto, é nessa conferência que ele se permite definir alguns pontos fundamentais que não mais vão variar ao longo de seu ensino.

Para começar, ele postula que nem tudo o que se apresenta em uma análise serve. Na experiência analítica nem tudo é material de análise. Segundo Lacan, só é material o que não está no seu lugar ou o que representa outra coisa distinta do que se lê.¹⁹

Ou seja, se sonho com o mapa do Brasil, ele tem a ver com o Brasil, pois o representa. Um mapa do Brasil só é material se ele for distinto daquilo que representa, se representa outra coisa.

A foto do sol representa o sol, ainda que se possa dizer que a foto não é o sol. Todavia, em análise estamos numa experiência onde tudo é contado, de modo que falar sobre a foto do sol ou falar que se viu o sol são coisas semelhantes. Como saber se algo é analisável? Só é analisável, como dissemos, aquilo que não representar a si mesmo. Por exemplo, temos o sol e um dado: estamos falando de soldados. Isso vira material de análise, pois, claramente, aí sol e dado não representam a si mesmos.

Outra maneira de dizer isso é o material da análise é o material significante. Significante é um termo semi-inventado por Lacan a partir de Saussure para nomear algo que não tenha significado em si e que remeta a outra coisa e cujo significado só possa ser apreendido dessa forma. Coisas com significado em si são boas, mas não nos servem. Como saber o que está fora do lugar se é tudo narrado? Quando algo de sua narrativa soar estranho para o próprio analisante, temos algo interessante. Três deslocamentos.

A outra premissa é Isso que é analisável será sempre *três*, ou seja, em três aspectos ou em um desmembramento em três. Nunca será uma coisa só. "Toda relação analisável, isto é, interpretável simbolicamente, está sempre inscrita em uma relação a três".²⁰ Não buscaremos o que está atrás do material, pois assim ficaremos reféns do Um - a origem das origens. Consideraremos que no material trazido num encontro analítico o que se encontra é três e, no mais, nada.

Soa estranho, pois não segue nossa intuição que se baseia no *um-atrás-de-outro* e assim por diante. Às vezes, acontece de pararmos em determinado ponto de uma narrativa, mas, não porque estamos buscando no espaço mais remoto algo ainda, e sim porque há uma relação a três que serve.

O que são essas três coisas? Todo material analisável é passível de decomposição em três. É isso que Lacan está dizendo. Isso nos impede de querer buscar o material do material. Quando decompomos, já produzimos o que é necessário. Se isso trouxer outro material não tem problema, pois ao agir assim, prescindimos da ideia do material último e mais profundo.

Isso posto, é bom lembrar que a vida não segue os princípios de Lacan. R.S.I. não existem na natureza. Esses registros são ferramentas. Ao passo que, se acreditamos que estão no mundo talvez nos atrapalhem. É isso que Lacan faz na primeira lição do Seminário 24 onde diz: "A extensão de «Lacan» ao Simbólico, o Imaginário e ao Real é o que torna possível a estes três termos consistir"²¹, algo como: se R.S.I. existem é porque existe Jacques Lacan.

De fato, quando começamos a usar a tripartição de Lacan, ela ajuda tanto, funciona a tal ponto que tendemos a naturalizá-la. Assumimos que é assim e muito bem, nada de explicações e busca das origens dessa tripartição. No entanto, isso não pode significar que elas serão tomadas como categorias transcendentais da experiência, de toda e qualquer experiência.

Na experiência analítica, onde basicamente se narra e que, por conta disso, se encontram elementos muito originais e pesados, distinguir R.S.I. auxilia muito. Se tudo é contado, como se consegue fazer diferença entre uma coisa e outra? Na vida, a diferença entre a realidade e a fantasia é quase imediata. Porém, o real na psicanálise não é isso, pois alguém que me fala de uma mesa e me fala de uma cadeira... Qual das duas é real? Na vida, a cadeira de que se fala é diferente daquela em que se senta: uma é imaginária no sentido de imaginação, conceito, e a outra é real no sentido de realidade. Na análise, isso fica bem mais complicado e o deslocamento empreendido por Lacan em cada um desses termos com relação a seu sentido comum é feito para que eles nos sirvam nessa realidade semivirtual da psicanálise.

Nosso ponto de partida, será, porém, a conferência já mencionada, *SIR*, de 52, pois nela está o frescor e um léxico ainda de virada, mais universal do que os conceitos que se consolidarão mais adiante. Todo nosso próximo encontro será em torno dessa conferência, mas já podemos assinalar os três deslocamentos que Lacan empreende, já neste momento inicial do seu ensino em nossas noções de simbólico, imaginário e real, para cunhar seus registros.

A base para essa leitura são as definições de R.S.I. feitas por Lacan em seu seminário de 1972, *RSI: O imaginário é consistência, o Simbólico é o furo e o Real a ex-sistência*. Iremos desenvolver posteriormente essa nomenclatura, ficando aqui registrada, pela clareza de Lacan, uma passagem: “O caráter fundamental dessa utilização do nó é ilustrar a triplicidade que resulta de uma consistência que só é afetada pelo imaginário, de um furo como fundamental proveniente do simbólico e de uma existência que, por sua vez, pertence ao real e é inclusive sua característica fundamental”²².

Resumidamente, o imaginário não será imaginação, o simbólico não será simbolismo e o real não será realidade. Veremos cada um na próxima.

¹ Lacan, J. (1974/75) *O Seminário, livro 22: R.S.I.*, lição de 18 de fevereiro de 1975 (inédito).

² Cf. *Restos – uma introdução lacaniana ao objeto da psicanálise*, Rio de Janeiro, Contra Capa, 2008, p. 5.

³ Lacan, J. (1966) “O seminário sobre a carta roubada”, *Escritos*. Rio de Janeiro: JZE, 1998.

⁴ Primeira tópica freudiana a partir de 1900 com “*A interpretação dos sonhos*”; Segunda tópica freudiana, a partir de 1920 com “*Além do princípio de prazer*”.

⁵ Mesmo quando, em seu seminário 19, interroga-se sobre o Um e o situa com a expressão Há-um ele deixa claro que não há unidade original, mas apenas um possível um (cf. Lacan, J. *O Seminário, livro 19, ...ou pior*, Rio de Janeiro, JZE, 2013, sobretudo os capítulos IX e X).

⁶ Lacan, J. (1953) “O simbólico, o imaginário e o real”, *Nomes-do-Pai*. Rio de Janeiro: JZE, 2005.

⁷ Lacan, J. (1953) “Função e Campo da fala e da linguagem em psicanálise”, *Escritos*. Rio de Janeiro: JZE, 1998.

⁸ Lacan, J. (1960) *O seminário, livro 7: A ética da psicanálise*. Rio de Janeiro, JZE, 1988, p. 145 e seguintes.

⁹ Lacan, J. (1974-75) *O seminário, livro 22: R.S.I.*, Lição de 18 de fevereiro de 1975 (inédito.)

¹⁰ Cf. Platão. *O banquete*. L&PM Pocket, 2009.

¹¹ Badiou, A. *Ética: um ensaio sobre a consciência do mal*, Rio de Janeiro, Relume-Dumará, 1995, p. 32.

¹² Milner o sintetiza dizendo, “O Imaginário só se imagina a partir do imaginário, o simbólico só se simboliza a partir do simbólico e [algo] só se realiza a partir do real” (Milner, J. C. “*Os nomes indistintos*”. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2006, p. 8).

¹³ Lacan, J. (1964) *O Seminário 11: Os quatro conceitos fundamentais da Psicanálise*. Rio de Janeiro: JZE, 1998, p. 161.

¹⁴ *Ibid.*

¹⁵ Cf. "A crítica da razão pura", E. Kant. Domínio Público: www.dominiopublico.gov.br.

¹⁶ Lacan, J. (1953) "O simbólico, o imaginário e o real", In: *Nomes-do-Pai*. Rio de Janeiro: JZE, 2005.

¹⁷ Celebre psicanalista francês. Analisou-se com Lacan por quatro anos até descobrir que este teria sido analista também de sua mãe - Analise esta publicada por Lacan em sua tese de doutorado. Rompe, então, com ele e prossegue seus estudos na Sociedade Psicanalista Francesa, onde se torna vice-presidente. A tese de doutorado de Lacan chama-se: "Da psicose paranoica e sua relação com a personalidade".- (1932) Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1987. Foi toda feita sobre o estudo de caso conhecido como, *O caso Aimeé*.

¹⁸ Cf. Lacan, J. (1953) "O simbólico, o imaginário e o real", In: *Nomes-do-Pai*. Rio de Janeiro: JZE, 2005. Pg49.

¹⁹ *Idem*. Pg22.

²⁰ *Idem*. Pg33.

²¹ Lacan, J. (1976/77) *O Seminário, livro 24: L'Insu que sait de l'une bévue s'aile à mourre*., (inédito), lição de 16/11/1976.

²² Lacan, J. (1976) *O Seminário, livro 23 - O Sinthoma*, Rio de Janeiro, JZE, 2007, p. 36.